



# APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Conceituar os tipos textuais e o gênero textual
- Caracterizar os aspectos tipológicos
- Reconhecer a linguagem da argumentação utilizada no texto acadêmico-científico

Bons estudos!

# CONHEÇA O CONTEUDISTA

## Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

# UNIDADE 6

Olá, ser iluminado! Esta é a nossa última unidade e tem como objetivo caracterizar a estruturação dos tipos textuais, por reconhecer a necessidade dessas composições nos mais variados documentos científicos utilizados por você na academia.

Contudo, antes mesmo de iniciarmos, acompanhe as imagens a seguir e os textos para uma primeira análise.

Qual é a função dessas frases?



## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Se você respondeu “comunicar” algo a alguém, acertou. Já vimos isso em outra unidade. Claro que dependerá do conhecimento do contexto em que elas estão inseridas para você compreender a totalidade da mensagem, ou melhor, do referente ou da própria situacionalidade, um dos elementos da textualidade. O que veremos adiante é a estruturação dessa comunicação escrita, seja em prosa ou em versos. Para isso leia atentamente os versos do poema a seguir.

*Um homem sofrendo de um tédio permanente  
buscava ao seu espírito conforto  
e quem o livrasse da dor intermitente.*

*Qual náufrago ansiando por um porto,  
atravessou terras e mares visando encontrar  
alguém que fosse capaz de o curar.*

*Um dia um sábio o tornou ciente  
da existência de um médico célebre e afamado.  
E eis que o homem, com o coração esperançado  
diante do doutor se encontrou presente.*

*– Recorro a vós, senhor – disse o paciente –,  
porque a dor que me martiriza  
e que o espírito aflige de forma tão contundente  
resulta de uma chaga que nunca cicatriza.*

*Tornei-me há tempos escravo de minha mente  
e sofro hoje atroz hipocondria,  
não posso evitar ser pensativo e doente  
e por isso já nem sei o que é paz ou harmonia.  
Sendo vós o mais sábio clínico do mundo,  
médico notável e do peito humano auscultador profundo,  
rogo-vos que curar este mal inexorável  
que o cérebro me bruma e me turva a visão.*

*Já não mais me pulsa o coração  
e é com sacrifício que suporto uma cabeça  
cujos pensamentos só me causam confusão.*

*Indagou então o médico:*

*– Já sentiste algum dia em teu peito  
as chamas da paixão qual vendaval desfeito?*

*– Sim – respondeu o homem.*

*– E o amor – continuou ele –, já o conhecestes?*

*– Sim, e procurei fazer dele bom proveito.*

*– E viajar, já viajaste?*

*– Sim. À Terra Santa, à Grécia e a grande parte do Oriente, depois de Paris, Florença e quase todo o Ocidente.*

## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

*Mas de tudo me angustia uma lembrança  
imorredoura, eterna, e uma insegurança por demais pungente.  
- Amigo - concluiu o médico - só há no mundo um lugar  
em que alento para tua terrível dor poderás encontrar.  
Existe na Romênia, em Bucareste, um homem capaz  
de todo o teu tédio seguramente aniquilar.  
Esse homem singular, que a todos o riso inocente traz,  
é um impagável palhaço a cujos gracejos ninguém pode resistir.  
Talvez sua figura brejeira possa a gargalhada franca te restituir!  
Subitamente, dos olhos tristes do homem que o ouvia,  
brotou uma única lágrima que por sua face corria.  
E foi com voz embargada e o peito dilacerado  
Que ele expôs a verdade em tom amargurado:  
- Vejo, doutor, agora, que meu mal é incurável,  
Pois o palhaço de que falais, o palhaço aclamado,  
tem um riso de morte, um riso mascarado,  
e sente profundamente a dor do tédio e do cansaço.  
Porque sou eu, doutor, sou eu esse palhaço!*

*-Autor desconhecido*

No poema existem dois personagens: o palhaço e o doutor. Há um diálogo sendo narrado. O texto, mesmo sendo um poema, tem em sua estrutura o tipo textual narrativo, comumente visto em prosa. Logo, não precisa ser aquela história com o “Era uma vez” e “Viveram felizes para sempre” para caracterizar uma narração.

Observe, agora, o segundo poema. Esse não é de autor desconhecido, é de Olavo Bilac. Verifique atentamente a descrição poética feita, pelo eu lírico, do olhar que ele tem sobre uma realidade do mundo exterior.

### **Via Láctea**

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um pálio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
As procuro pelo céu deserto.

## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Direis agora: "Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizer, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Sei que a descrição do poema em análise é subjetiva, mas penso que você esteja cansado de ouvir descrições como: estrela brilhante, constante, radiante. Intencionou partir de um poema para facilitar o entendimento de que a descrição é a percepção de alguém sobre um dado ser ou objeto, um relato sobre características externas ou internas.

Em uma notícia, também encontramos fragmentos que narram e descrevem um fato na percepção de um jornal, por exemplo. Não encontramos a opinião explícita do jornalista, pois o objetivo desse texto é ser impessoal, é alcançar a função referencial, é alcançar o contexto, o assunto, o fato. Todavia, se lermos um artigo de opinião desse mesmo jornal, veremos o posicionamento do veículo de comunicação sobre o mesmo ou outro fato noticiado.

Nesse contexto, diferentemente da notícia, o jornalista tenta persuadir, convencer, influenciar o receptor da mensagem: característica do texto em que se tem a estrutura dissertativa argumentativa. Para essa estrutura, o autor do texto terá uma tese - aquilo que ele acredita - e argumentos que validem sua tese.

A essas funções sociais dos textos (cartaz, poema, notícia, artigo de opinião) nós damos o nome de gêneros textuais. E para estruturá-los consideramos os aspectos tipológicos, ou melhor, os tipos textuais: narração (narrar, relatar), descrição (descrever ações) e dissertação (expor, argumentar). Observe na tabela a seguir a relação entre os aspectos tipológicos e alguns gêneros textuais de referência.

Aspectos Tipológicos	Exemplos de gêneros orais e escritos
Narrar	Conto, fábula, narrativa de aventura, romance, narrativa de ficção científica, crônica literária, romance histórico, narrativa de enigma, novela fantástica, conto maravilhoso, entre outros.
Relatar	Relato de experiência, diário íntimo, reportagem, crônica social, anedota ou caso, autobiografia, biografia, <i>curriculum vitae</i> , notícia, relato histórico, etc.

Argumentar	Textos de opinião, carta de leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate regrado, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, assembleia, ensaio, discurso de defesa e de acusação (em se tratando da área jurídica) deliberação formal, entre demais exemplos.
Expor	Exposição oral, seminário, conferência, palestra, resumo de textos explicativos, relatório científico, relatório oral de experiência, palestra, verbete, entre outros.
Descrever ações	Instruções de montagem, receita, regulamento, instruções de uso, textos prescritivos, regras de jogo, comandos diversos, etc.

### Aspectos Tipológicos

Se tivermos que responder a esta questão - para que servem as histórias? - , provavelmente não teremos uma resposta precisa. Mas se nos remetermos à própria trajetória do homem, os argumentos começarão a brotar em nossa lembrança.

Povos antigos tinham o saudável hábito de se reunir à noite, ao redor de fogueiras acesas, e a palavra pertencia, então, aos mais velhos. Dessa forma, envolvidos na magia do que era contado, os jovens iam se apropriando dos mitos e lendas de seu povo.

Entre os índios do norte da América “dizem que quando os contos soam, as plantas não se preocupam em crescer e os pássaros esquecem a comida de seus filhotes(...).

Em todas as épocas, em todas as civilizações, por onde quer que tenha habitado o homem, ficaram resquícios de histórias que com ele coabitavam. Encadeadas umas nas outras, longas, cheias de peripécias, monumentais ou ligeiras, econômicas, breves, mas sempre surpreendentes, as histórias têm sido nossas fiéis companheiras.” Luzia de Maria (1996, apud, MORAES, 2004)

Antes ainda da utilização de folhas de papiro para o registro da forma escrita, os fatos das civilizações antigas, as histórias eram contadas e repassadas para outras gerações oralmente.

## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Os homens daquela época tinham uma boa memória! Como eles faziam isso?

Eles usavam uma sequência de fatos e ideias bem definidos. Possuíam essas sequências bem esquematizadas em sua mente. É como se eu fosse contar para você como se faz uma folha de papiro ou, então, relatar como foi o Show do Milton Nascimento em 1989, precisaria de esquematizar minha fala.

Com a evolução da escrita e das técnicas de impressão para registro dessa escrita, os fatos relatados, os objetos descritos e as ideias debatidas ganharam espaço histórico, pois não precisavam mais da transmissão oral para se manterem vivos entre as próximas gerações.

Então, quais as diferenças textuais entre textos como o passo a passo da fabricação da folha de papiro e o relato do Show do Milton Nascimento vistos em unidade anterior? E ainda, em que esses dois textos se diferenciariam de uma argumentação?

### Narração

Segundo Moraes (2004, pág. 20), o texto narrativo é uma modalidade de redação que consiste no relato de uma história (verdadeira ou fictícia), envolvendo ação, que se desenrola por personagens. Essa ação apóia-se também em algumas circunstâncias como tempo, lugar, modo, causa e consequência."

Para ser bem mais objetivo, narração é um relato de fatos.

### Caracterização texto narrativo

Para caracterizar o texto narrativo, leia a crônica a seguir:

Linda de morrer

O pai resolveu abrir uma funerária.

— Tem muita gente morrendo. É negócio de futuro!

Ao que a mãe acrescentou:

— Gente que nunca morreu tá morrendo...

O filho perdeu a paciência.

— Dá pra parar com as piadinhas sem graça? Abrir um negócio não é brincadeira não.

O pai sorriu condescendente. Sabia que o filho estava bem-intencionado. Mas é que o rapaz tinha acabado de concluir um desses MBAs da vida, e só conseguia raciocinar em termos mercadológicos.

## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

- Calma, filho. Você só fala de critérios, métodos, empreendedorismo... não sei nem falar esse trecho.

— Empreendedorismo, pai.

— Pois é. Estou querendo pôr o nome de “Funerária Vai com Deus.”

— Pelo amor de Deus!

— Também é bom, mas “Vai com Deus” é melhor.

— Não, pai, pelo amor de Deus, não põe um nome desses!

E olhou ansioso pra mãe, pedindo socorro. A mãe nem tchum.

— Acho que é um nome interessante, filho. Diferente. Ousado.

O pai emendou:

— Imaginem só o slogan: “Na hora de morrer, vai com Deus”.

A mãe soltou uma gargalhada.

— Vocês dois parem com isso! — o filho já estava vermelho. — Que coisa mórbida!

Vamos pensar com um mínimo de...

— Empreendedorismo...

— Dormimos!

— Doritos!

— Empreendedorismo! — o filho berrou.

— Ah é. Quer ver outro nome bom? Funerária Sete Palmos...

— Passagem de Ida! — a mãe entrou na tabela.

— Último Adeus! — o pai emendou.

Agora os dois já estão soltos. O filho olhando pro chão, besta. Já estava calculando os prejuízos.

O pai não parava.

— “Funerária Último Adeus: uma empresa linda de morrer”,

— Uma empresa linda de morrer! — a mãe repetiu, saboreando cada palavra.

— Linda de morrer... — o filho repetiu, mordendo as palavras. — Nem Freud explica vocês dois...

— Engano seu, filho. Você sabia que o Freud era fanático por humor negro? Ele adorava o anúncio de uma funerária americana que falava assim: “Pra que viver, se você pode ser enterrado por dez dólares?”

— Sensacional! — a mãe já batia as mãos na mesa, de tanto rir.

— E lembra aquele cemitério que tinha um slogan assim: “Se você não pode saber quando, saiba pelo menos onde”. Dessa vez, até o filho deixou escapar uma risada:

— É verdade. Essa propaganda eu lembro. Engraçado, na época eu achei esse slogan muito bom. É claro que eu ainda não tinha conhecimentos de...

— Perdedores...

— Predadorismo...

O filho saiu batendo os pés, resmungando para si mesmo: posicionamento, agressão, downsizing, rightsizing e, acima de tudo, empreendedorismo. Seu pai nunca ia mesmo dar conta daquelas palavras lindas de morrer.

(CUNHA, 2004, págs 75-77)

O texto em análise se desenrola no tempo – com princípio, meio e fim –, com mudanças de situação das personagens e tudo apresentado por um narrador. Neste texto narrativo, praticamente, cada frase constitui um novo momento da história. Nela, cada ato ou cada frase é consequência do que vem antes. Acontece que, mesmo nesta típica narração, há pequenos vestígios de descrição, como veremos mais adiante.

Então, vejamos as características da narração no texto “Linda de morrer”.

A narração exige uma progressão no tempo e mudanças de estado ou de situação: há uma clara relação de causas e efeitos. Podemos até escolher começar a contar um caso de trás para frente, mas não haverá dúvidas sobre a sequência dos fatos. No caso da crônica “Linda de morrer”, a impaciência do filho vai num crescendo, na mesma medida em que cresce o divertimento dos pais.

As marcas dessas relações (de tempo e de causa e efeito), expressas por tempos verbais (emendou, acrescentou), por advérbios e expressões adverbiais (na época, na hora de morrer, já, dessa vez) ou mesmo pelo significado das palavras, são fundamentais nas narrações. Os fatos narrados dizem respeito a personagens, imaginários ou não. Nessa crônica, os fatos envolvem pai, mãe e filho. A narração exige naturalmente um narrador, encarregado de contar a história. O narrador da crônica em análise é observador dos fatos: não é uma das personagens da história. Por isso, a narração é em 3ª pessoa. Poderia ser personagem (principal ou secundária), e nesse caso a narração viria em 1ª pessoa. (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa (com adaptações).

### Descrição

Como você já deve ter notado, a descrição está contida em quase todas as narrações. Mas o que é então um texto descritivo?

É uma sequência de detalhamentos que caracterizam um determinado objeto, pessoa, ambiente ou paisagem. Tem por objetivo despertar no leitor impressões sensoriais (relacionadas com os órgãos do sentido), sobretudo impressões visuais. (MORAES, 2004, pág. 18).

Além disso, não somente aspectos físicos são descritos; como afirma Didio (2013, pág. 219), “é possível descrever tanto características físicas (aparência externa) quanto características psicológicas (comportamento, atitude, caráter, inclinações, temperamento)”.

Em síntese, descrição é um retrato verbal.

### Caracterização texto descritivo

Para caracterizar o texto descritivo, leia um fragmento do conto a seguir de Lopes Neto. O narrador é um vaqueiro do Rio Grande. Ele está contando para os companheiros um caso ocorrido com ele, quando levava uma quase fortuna para o patrão.

### Trezentas onças

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorradeira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto de luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, almejava a brancura de um João-Grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...

Foi caindo uma aragem fresca e um silêncio grande em tudo.

Lopes Neto (2003, pág. 309)

A ordem na descrição não é obrigatória, apesar de ser interessante para favorecer a visualização da cena e a sequencialização dos fatos. Na descrição de Lopes Neto, nos dois primeiros parágrafos, o tempo – que está no passado –, como você pode observar a partir das desinências verbais – é o mesmo, por exemplo, permitindo uma possível inversão.

Vamos sintetizar as características da sequência descritiva?

A descrição é uma sequência de aspectos de um ser qualquer. Na descrição, lemos uma sequência de aspectos da natureza. Na descrição, a ênfase é no espaço, e não no tempo. Na descrição, acompanhamos o olhar do narrador, deslocando-se da esquerda para a direita, de perto para longe.

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa (com adaptações).

### Dissertação argumentativa e expositiva

“O texto dissertativo-argumentativo – além de discorrer sobre um assunto – tem por finalidade debater e discutir ideias com o objetivo de persuadir ou de dissuadir – por meio de argumentação – o leitor de algo; revelando, desse modo, um posicionamento crítico (favorável ou desfavorável) do produtor do texto.” (DIDIO, 2013, pág. 222)

Se você pesquisar no dicionário Houaiss (2010) o significado da palavra “argumentar”, encontrará a seguinte afirmação:

“Apresentar fatos, ideias, razões lógicas, provas etc. que comprovem uma afirmação, uma tese.”

O interessante é que a palavra “fatos”, marca do texto narrativo, está presente no significado da palavra argumentar. No entanto, você pode observar que o foco do significado de argumentar está em comprovar algo, seja por “fatos, ideias, razões, provas etc.”

Assim, para Medeiros (2010, pág. 323), argumentar “é demonstrar ou refutar uma ideia”. Ou melhor, argumentar é adotar um posicionamento (MORAES, 2004, pág. 58).

Já na dissertação expositiva, não há a necessidade de usar os argumentos como convencimento. Ou seja, eles não devem ser apresentados para corroborar um ponto de vista, mas, sim, para informar o leitor sobre os aspectos relacionados ao tema. É apenas uma exposição de fatos, dados e outras informações relevantes.

### Caracterização texto argumentativo

Para caracterizar o texto argumentativo, leia o texto de Albert Jacquard.

Racismo e Ciência

O homem – esse ser dotado do fabuloso poder de se construir, de cooperar na criação de si próprio – paga essa capacidade com o poder inverso: o de se autodestruir. As guerras são uma forma de autodestruição violenta; as armas nucleares tornam possível até mesmo o suicídio coletivo da espécie. Mas a autodestruição também se manifesta em comportamentos ignóbeis, dos quais o mais generalizado é seguramente o racismo.

Desprezar o outro porque ele pertence a um grupo certamente não é novidade, mas o fenômeno assumiu neste século uma forma específica: é em nome das “recentes descobertas da ciência moderna”, dos “modelos elaborados pela biologia” que se pretende justificar a classificação dos homens em categorias hierarquizadas.

Se o progresso da ciência conduzisse realmente a tais conclusões, seria necessário levá-las em conta, independentemente das opiniões morais, filosóficas ou religiosas que tenhamos a respeito. Mas ocorre que o conteúdo atual do discurso científico, sobretudo na disciplina mais diretamente ligada ao assunto, a genética, é exatamente o oposto do que se pretende. Os progressos da genética permitem determinar com rigor o conteúdo dos patrimônios biológicos dos grupos humanos. Se no passado as tendências a definir as raças se baseavam nos caracteres aparentes (cor da pele, textura do cabelo, forma do crânio), hoje já não se levam em conta esses caracteres, mas sim os genes que os determinam.

A frequência com que os vários genes são encontrados nos membros de um grupo constitui a estrutura genética desse grupo. Pode-se estabelecer a “distância” que separa dois grupos calculando-se a frequência dos genes presentes em cada um deles. No que diz respeito à raça humana, porém, esse tipo de classificação é impossível. De fato, os intercâmbios migratórios têm sido tão intensos e os isolamentos tão pouco duradouros que as diferenças entre os grupos não puderam alcançar um nível que possibilite traçar limites entre populações relativamente homogêneas. Assim, seria um verdadeiro contra senso querer dar um fundamento biológico às teorias elitistas, seja essa “elite” constituída por certos indivíduos dentro de um grupo, seja por certos grupos.

Jacquard (1984 apud MORAES, 2004, pág. 59)

O texto argumentativo, num primeiro momento, disserta sobre ideias; e, num segundo, utiliza argumentos para defendê-las ou atacá-las com o objetivo de levar seu leitor a, conforme o caso, aceitá-las ou a rejeitá-las.

Dessa forma, caracterizando a argumentação, temos que ela é uma sequência de ideias para persuadir o leitor sobre qualquer assunto. No texto em questão, o racismo é o assunto e as ideias surgem para defender a ideia de que racismo é uma forma de autodestruição do homem. Há um posicionamento crítico. Logo, o posicionamento de Jacquard é contrário ao racismo e se utiliza de descobertas científicas para invalidar a pretensão de “classificação dos homens em categorias hierarquizáveis”.

### Texto injuntivo e prescritivo

Já que estamos falando de posicionamento, o texto injuntivo fica bem próximo disso. A diferença é que este, diferente do texto argumentativo, impõe uma opinião. (DIDIO, 2013)

Injungir, ou melhor, injunção é um "ato de ordenar expressamente uma coisa; ordem precisa e formal; influência coercitiva de leis, regras, costumes ou circunstâncias; imposição, exigência, pressão." (HOUISS, 2010)

### Caracterização texto injuntivo ou prescritivo

Como se vê, pelo tipo injuntivo pedimos, convocamos ou ordenamos ao leitor que faça alguma coisa. Gramaticalmente identificadas como vocativo, sequências injuntivas ocorrem por escrito, por exemplo, num bilhete ou numa carta. Oralmente são constituídas sempre que chamamos alguém, como, por exemplo: ei, você aí!

Quando está associada predominantemente a verbos, uma sequência do tipo injuntivo pode ter a forma de ordem ou de pedido; por isso, pode vir frequentemente no modo imperativo ou em forma interrogativa. O importante é saber que esse tipo textual pode se realizar por diferentes expressões e classes gramaticais.

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa (com adaptações).

Logo, outros exemplos caracterizam melhor o que é o texto injuntivo:

Nos dez mandamentos: "Não matarás". "Não cobiçarás a mulher do próximo" etc.;  
Nas placas e sinais de trânsito e nos avisos: Favor não estacionar. Identifique-se na recepção. Favor apresentar as credenciais;

Em receitas culinárias, quando indicam o modo de fazê-las: como no passo a passo da folha de papiro.

Na publicidade: Compre tal produto! Ligue já para 0800.....! Você, sem fronteiras. (DIDIO, 2013, pág. 223) (com adaptações)

### Análise textual

Em textos escritos, a interação é complexa, embora muitas vezes não tenhamos noção ou consciência dessa complexidade. Quando falamos ou escrevemos, nossa intuição nos ajuda substancialmente a encontrar os melhores caminhos para que nossa interação chegue a bom termo. A adequação de nosso texto escrito depende muito da habilidade de reunir de forma pertinente diferentes tipos textuais.

Veja um belo exemplo disso, retirado de um conto de Carlos Drummond de Andrade. O conto “Presépio” se passa numa pequena cidade do interior, no princípio do século XX, e tem como personagem principal a Dasdores, jovem que tem de dar conta dos mais diferentes serviços da casa. Observe um fragmento do conto:

Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar do irmão, velar pelos doces em calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é trabalhar à noite e dia. Se não trabalhar sempre, se não se ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. “Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?” “Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo do gato furtar a carne?” “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para sua mãezinha.” Dasdores multiplica, corre, delibera e providencia mil coisas. Andrade (2003, pág. 23)

Sobre o ambiente e a época da cena: várias ocupações de Dasdores são mais típicas de um tempo há muito passado. A própria posição dos pais sobre a moça já é muito ultrapassada, ou é mais comum nos pequenos centros. Neste fragmento, contudo, apesar de tão curto, estão presentes várias sequências tipológicas:

- Uma longa sequência injuntiva: todas as frases, no final do texto, que têm o vocativo Dasdores e que são pedidos / ordens dirigidos à Dasdores.
- Uma sequência injuntiva curta: “porque o primeiro mandamento da educação feminina é trabalhar à noite e dia.”
- Uma sequência argumentativa: “Se não trabalhar sempre, se não se ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito.”
- Uma sequência descritiva: “Das Dores e suas numerosas obrigações: cuidar do irmão, velar pelos doces em calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever carta de todos” e “Dasdores se multiplica, corre, delibera e providencia mil coisas”.
- As frases injuntivas do final do texto são ditas em tons muito diferentes. São ordens disfarçadas. Frase de ordem com tom de lembrança: “Dolores, as dalias já foram regadas hoje?” Frase de ordem com tom de reclamação: “Você viu, Dolores, quem deixou o diabo do gato furtar a carne?” Frase de ordem com tom de pedido: “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para sua mãezinha.”

# CONCLUINDO A UNIDADE



Vimos que a função do texto é estabelecer uma comunicação e que para isso todos os elementos devem estar conectados. Vimos também que são, basicamente, quatro os tipos textuais (descritivo, narrativo, dissertativo e injuntivo), conhecê-los ajudará na construção do raciocínio textual.

Além disso, compreendemos que a narração relata fatos, a descrição retrata esses fatos e tudo o que está ligado a ele. Já a argumentação se utiliza, muitas vezes, dos fatos como argumentos de um posicionamento para convencer o leitor, ou apenas expor o que se deve para melhor informar. A injunção, longe de convencer, prefere impor.

Evidencia-se, então, que caracterizar os tipos textuais é importante para desenvolver a habilidade de reunir de forma pertinente diferentes tipos textuais em uma dada produção textual. Habilidade relevante para as escolhas das estruturas textuais no alcance das intencionalidades presentes em cada gênero textual.

# DICA DO PROFESSOR



Compreender as estruturas textuais e a funcionalidades dos textos é fundamental para a competência da escritora, principalmente no contexto acadêmico. Sobre isso, assista aos vídeos a seguir.

<https://youtu.be/hL8q7TGjU3s>

<https://youtu.be/ZGpDi1vbckA>

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1- Os tipos textuais ou tipologias textuais são formas de organização das informações em um texto pela forma de organização das frases, parágrafo (s), enfim pelas partes do texto. Assim sendo, um mesmo texto pode conter mais uma tipologia textual a depender dos efeitos de sentido que o autor busca provocar em seu leitor e, então, atingir seu objetivo. Nesse sentido, analise o texto abaixo:

Como praticar ócio criativo nos dias de hoje, segundo Domenico de Masi  
Domenico De Masi, sociólogo italiano, explica que 70% dos trabalhadores poderiam praticar ócio criativo

São Paulo – Se o seu trabalho é rentável e pode ser conciliado com estudo e lazer, você pratica ócio criativo. O conceito foi definido há mais de duas décadas pelo sociólogo italiano Domenico De Masi no fim do século XX, mas ainda é confundido com falta do que fazer.

“Não entendo que ócio criativo seja o ato de não fazer nada. Não o vejo como preguiça. O ócio criativo é a plenitude do indivíduo integral, na qual se pode conciliar 3 coisas em nossas atividades: o trabalho, com o qual criamos a riqueza; o estudo, com o qual criamos o aprendizado e adquirimos o conhecimento; e o lazer, com o qual criamos a alegria e com o qual criamos o bem-estar”, explicou o sociólogo em conversa com a equipe da Eleva Educação, que organiza um congresso gratuito, dias 28 e 29 de maio, sobre emoções com mais de 20 estudiosos, entre eles Domenico.

Todo mundo pode praticar ócio criativo?

“Após a 2ª Guerra mundial, a sociedade mudou rapidamente e passou de industrial para pós-industrial. Ou seja, nossa sociedade não era mais baseada na produção agrícola, que é importante, mas não o cerne. Não se baseava mais na produção artesanal ou na industrial; baseava-se na produção de bens imateriais. São eles: informação, serviços, símbolos, valores e estética. Os produtos de bens imateriais não dependem do trabalho operário, tanto que hoje, 30% são operários e 70% são funcionários, profissionais, gerentes e executivos que executam um trabalho intelectual. Esse tipo de trabalho pode ser conciliado com o estudo, o lazer e a diversão; pode transformar-se em ócio criativo. Assim, hoje, 70% dos trabalhadores poderiam praticar o ócio criativo. Se a organização fosse pensada e voltada ao ócio criativo.” Disponível em: <<https://vocesa.abril.com.br/carreira/como-praticar-ocio-criativo-nos-dias-de-hoje-segundo-domenico-de-masi/>>. Acesso em 26 agost. 2020.

Com relação à predominância tipológica do texto, marque a alternativa correta.

- a) A tipologia textual predominante é a descritiva.
- b) Predomina no texto a tipologia injuntiva.
- c) Predomina a tipologia narrativo-argumentativa.
- d) A descrição é o tipo textual predominante no texto.
- e) A narração é a tipologia de predomínio no texto.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 2- A produção textual pode ser mediada pelo gênero memória, onde o aluno consegue elaborar um sentido para seus escritos a partir dos saberes que já domina advindo de experiências vivenciadas, no compartilhamento de informações com as pessoas no meio social, acrescidos dos conhecimentos adquiridos no processo de ensino. O gênero memória possibilita o resgate de fragmentos que possam auxiliar na constituição do retrato de um determinado período ou evento, possibilitando que o aluno perceba que as reminiscências servem de suporte para amparar sua escrita. O resgate de fragmentos da memória se justifica na compreensão de Antônio Candido (1998), devido a visão fragmentária de a vida ser “[...] imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos” (CANDIDO, 1998, p. 58).

Disponível

em:

<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_unicentro\\_port\\_pdp\\_maria\\_elizabete\\_kastel.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_pdp_maria_elizabete_kastel.pdf)>. Acesso em 26 agost. 2020.

Nesse sentido, analise o texto abaixo:

Lembro-me hoje, com alegria, do ano de 1983, em que entrei para a 1ª “série” do Ensino Fundamental. Naquela época, a educação pública em Coronel Fabriciano, cidade em que nasci, ainda não oferecia a Educação Infantil na modalidade como é oferecida hoje (1º e 2º período). Os pais que tinham condições financeiras para colocar seus filhos em escolas particulares, assim faziam. Os que não tinham, esperavam os sete anos de idade dos filhos para os colocarem no Ensino Fundamental da única escola do bairro. Além das dificuldades estruturais do Sistema Educacional Brasileiro, eu tinha que trabalhar com uma série de “limitações” que os problemas de saúde me impunham. Das complicações de parto do dia 21 de junho de 1976, às 23:45h vieram sequelas marcantes. Quando digo marcantes, estou usando o sentido estrito e literal da palavra, para me referir a uma cicatriz no hemisfério direito do cérebro. Esta cicatriz provocou dificuldades motoras, dificuldades na fala e perda de 70% da capacidade visual. De sorte que meus pais tiveram muito trabalho com o primeiro filho em sua infância. Aos dezoito meses de idade, fui surpreendido com um surto agudo da poliomielite que atingiu o membro inferior esquerdo. Desde então, passei a frequentar semanalmente o hospital da Baleia em Belo Horizonte. Até aos 08 anos de idade, viajávamos 200 km para fazer acompanhamento médico.



Meu contato com a leitura se deu quando ingressei na escola. As professoras Mônica e Rita de Cássia foram minhas alfabetizadoras e do 1º ao 4º ano, (naquela época chamava-se série) continuei com elas na pequena Escola Municipal Joaquim de Ávila Neto. Meus pais levavam-me e colocavam-me dentro da sala de aula. Na época, eram aquelas carteiras grandes, onde sentavam de 05 a 06 alunos em cada uma. Eu sentava na primeira carteira e bem ao meio, para facilitar a visão no quadro negro. Lembro-me que a tia Mônica (como eu a chamava) tinha uma paciência muito grande comigo. Foram também muitos os dias em que voltei à escola extraturno para aulas de reforço. A escola de ensino fundamental de 1º ao 4º ano foi para mim uma espécie de laboratório tanto psicomotor, quanto de alfabetização e de trabalho com as emoções. Honestamente, não sobrava tempo para ir à biblioteca da escola e escolher um livro infantil para ler. Todo o tempo que tinha era consumido pela fisioterapia e as aulas de reforço escolar. Assim que terminei o 4º ano, fui estudar na escola estadual Prof. Pedro Calmon, no centro da cidade, a mais perto da minha casa que tinha de 5º ao 8º ano. Nesta época, eu já andava, ainda com muita dificuldade e com a ajuda de aparelhos ortopédicos. A fase de adaptação foi muito difícil. Eu, que estava acostumado com as duas professoras dos anos iniciais, agora tinha que lidar com oito professores por semana. Passei por muitos processos de recuperação e provas de final ano. Lembro-me da professora Ana Maria que me incentivava a ler e a fazer os exercícios de português. Neste período, li todos os livros da Coleção Vaga-Lume. Depois do término da aula, ia para a biblioteca e ficava lendo até meu pai ir me buscar. Li também Machado de Assis, Graciliano Ramos. Nesta época, as idas à Belo Horizonte já eram bem menores.

Disponível em: <<https://srefabricianodivep.wordpress.com/2015/03/27/memorial-de-leitura-minha-trajetoria-de-formacao-como-leitor-uma-historia-de-desafios-uma-historia-de-conquistas/>>. Acesso em 26 agost. 2020.

Sobre o gênero do texto em análise, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I- Trata-se de um texto do gênero memorial.

PORQUE

II- As informações são objetivas e o autor revela um pouco de sua trajetória de vida.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- A) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E) As asserções I e II são proposições falsas.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



## Questão 3

Ter ou não ter namorado? Eis a questão.

Quem não tem namorado é alguém que tirou férias não remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namorado de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia.

Paquera, gabiru, envolvimento, até paixão, é fácil. Mas namorado, é muito difícil.

Namorado não precisa ser o mais bonito, mas ser aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio e quase desmaia pedindo proteção. A proteção dele não precisa ser parruda, decidida; ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo aflição.

Quem não tem namorado não é quem não tem um amor: é quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem três pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes; mesmo assim pode não ter nenhum namorado.

Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria ou dribble no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pactos de amor com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com a felicidade ainda que rápida, escondida, fugidia ou impossível de durar..

Não tem namorado quem não sabe o valor de mãos dadas; de carinho escondido na hora em que passa o filme; de flor catada no muro e entregue de repente; de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar; de gargalhada, quando fala junto ou descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.

Não tem namorado quem não gosta de fazer sesta abraçado, fazer compra junto. Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor, nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele, abobalhados de alegria pela lucidez do amor. Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e a do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beiras d'água, show do Milton Nascimento, bosques enluarados, ruas de sonhos ou musical da Metro.



Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não se chateia com o fato de seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar, quem gosta sem curtir; quem curte sem aprofundar. Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou meio-dia do dia de sol em plena praia cheia de rivais. Não tem namorado quem ama sem se dedicar,- quem namora sem brincar,- quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem esperar o outro ir junto com ele. Não tem namorado quem confunde solidão com o ficar sozinho e em paz. Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo e quem tem medo de ser afetivo. Se você não tem namorado porque não descobriu que o amor é alegre e você vive pensando duzentos quilos de grilos e de medos, ponha a saia mais leve, aquela de chita e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim. Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo de sua janela. Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteria. Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido. Enlou-cresça. (Carlos Drummond de Andrade)

Tomando-se o texto acima como exemplo para análise, avalie as asserções seguintes e a relação proposta entre elas.

I- Há uma narrativa que perpassa o texto. Mas sua estrutura lógica é de uma dissertação.

PORQUE

II- Apresenta-se a temática em um tópico frasal no primeiro parágrafo. Este, por sua vez, é retomado no decorrer da história com esclarecimentos, exemplos, mesmo que fictícios.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



## Questão 4

De acordo com dados do Programa Queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), os focos de incêndio neste mês de agosto na Amazônia foram quase o triplo do registrado no ano passado. Até este sábado (31), foram 30.901 focos de incêndio, ante 10.421 em agosto do ano passado – alta de 196%. O total também supera a média histórica para o mês, de 25.853, para o período entre 1998 e 2018. É ainda o mais alto desde agosto de 2010 – ano de seca histórica severa, que teve 45.018 focos. Os focos de queimadas estão espalhados por todo o chamado arco do desmatamento, que vai do Acre, passando por Rondônia, sul do Amazonas, norte do Mato Grosso e sudeste do Pará. A principal hipótese de especialistas é que queimadas estão ocorrendo para limpar o que foi derrubado antes. Na última sexta-feira (30), o presidente Jair Bolsonaro alterou o decreto que proibia as queimadas em todo o país durante o período da seca e abriu uma exceção para as práticas agrícolas fora da Amazônia Legal. O novo decreto presidencial, publicado em edição extra do Diário Oficial, permite a realização de queimadas em razão de “práticas agrícolas, fora da Amazônia Legal, quando imprescindíveis à realização da operação de colheita, desde que previamente autorizada pelo órgão ambiental estadual. A medida alterou o decreto publicado pelo presidente um dia antes, na quinta-feira, 29, e que havia proibido por 60 dias a realização de queimadas em todo o território nacional.

Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/queimadas-na-amazonia-triplicam-em-agosto-e-superam-media-historica/> >. Acesso em 30 de agost. 2019.

Sobre o fragmento de texto acima, avalie:

- I- Trata-se de um texto descritivo cujo papel é o de apresentar uma situação problema da atualidade.
- II- É um texto narrativo. Muito comum às reportagens de jornal.
- III- É um texto prescritivo uma vez que determina o decreto publicado pelo presidente.
- IV- É um texto injuntivo já que sua função é deliberar uma norma.
- V- É um texto argumentativo já que sua função é a de defender um ponto de vista.

Está correto o que se afirma apenas em:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) II e III
- e) I e III

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



## Questão 5

Machado (2005) descreve a resenha acadêmica com base em um modelo de análise das operações de linguagem. Para Machado (2005), a produção textual compreende operações de ação, discursivas e linguístico-discursivas.

As operações de ação estão relacionadas às representações do meio físico, dos participantes que interagem na situação comunicativa, da instituição onde o texto é produzido, dos objetivos e do conhecimento de mundo que pode de ser mobilizado para a produção textual. Quanto à situação de produção e mobilização de conteúdos, a leitura, interpretação e sumarização antecedem a produção da resenha, a qual apresenta as informações centrais do TF. Logo, resumir com eficácia um texto é condição essencial para resenhá-lo (MACHADO, 2003; 2005).

Quanto às resenhas acadêmicas, analise as asserções seguintes e a relação proposta entre elas.

I- As resenhas acadêmicas têm a função de familiarizar o acadêmico com as práticas de pesquisa em leitura, motivando-o a ler, a refletir, a analisar e a construir com autonomia a compreensão acerca de um tema.

PORQUE

II- O exercício de análise- síntese é fundamental ao desenvolvimento da inteligência crítica do estudante. Este exercício deve ser iniciado antes mesmo da formação superior.

Quanto à relação entre as duas asserções:

- A) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E) As asserções I e II são proposições falsas.



# SAIBA MAIS

Acredito que você, já no ensino superior, tenha passado pelo Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Este exame se utiliza de uma estrutura dissertativa que ainda tem implicações importantes na continuidade da competência escritora.

Dessa forma, sabendo que o processo de correção desse instrumento avaliativo é por competências, segue um material riquíssimo, divulgado pelo Inep, em formato de manual para os corretores.

Considero relevante a leitura, pois há no material detalhamentos interessantes para uma melhor escrita.

[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2020/Competencia\\_1.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_1.pdf)

[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2020/Competencia\\_2.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_2.pdf)

[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2020/Competencia\\_3.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_3.pdf)

[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2020/Competencia\\_4.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_4.pdf)

[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2020/Competencia\\_5.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_5.pdf)

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. de. *Presépio. Contos de Aprendiz. In Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.*

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. (org.) *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 3 – AAA3: gêneros e tipos textuais (Versão do Aluno). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.*

\_\_\_\_\_. *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 3 – AAA3: gêneros e tipos textuais (Versão do Professor). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.*

\_\_\_\_\_. *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 – TP´3: gêneros e tipos textuais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.*

BEARZOTI FILHO, Paulo. *A descrição. São Paulo: Atual, 1991.*

CABRAL, Isabel Cristina Martelli; MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *A narração. São Paulo: Atual, 1989.*

CUNHA, Leo. *Manual de Desculpas Esfarrapadas. São Paulo: FTD, 2004.*

DIDIO, Lucie. *Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor. São Paulo: Atlas, 2013.*

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação, e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2004.*

LOPES NETO, J. Simões. *Trezentas onças. In Contos gauchescos. Obra Completa. Porto Alegre: Sulina, 2003.*

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.*

MEDEIROS, João Bosco. *Português instrumental. 9.ed. – São Paulo: Atlas, 2010.*

MORAES, Filemon Félix de. *Manual Prático de Redação. Brasília: Editora Lima e Félix, 2004.*

# GABARITO

1) C

2) C

3) A

4) B

5) B